

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Tribuna da Bahia

Class.: 149

Data: 26.10.88

Pg.: _____

Solidão e coragem, Ava-Canoeiro.

Índio de tribo em extinção surge no interior em pé de guerra e desconfiado da civilização. Mas desta vez foi bem recebido.

GABRIELA ROSSI MAIA
 Editoria de Cidade

Os moradores de um roçado localizado no povoado de Santa Luzia, município de Angical, oeste da Bahia, foram surpreendidos 15 dias atrás por flechas atiradas de um arbusto contra porcos e outros animais domésticos criados no terreiro. Algum tempo depois, novo susto. No meio do matagal um índio, desconfiado e temeroso, se mantinha à distância e em pé de guerra. É, ao que indica sua maneira de se comportar, um Ava-Canoeiro desgarrado da tribo.

Segundo Pedro Agostinho, antropólogo e diretor do Museu de Antropologia, o último contato mantido na Bahia com indígenas isolados deu-se em 1926, através dos Pataxó-Ha-Ha-Hã. O indígena é representante de uma família em extinção e a Associação Nacional do Índio-BA já contactou a Funai para que ele possa ser reintegrado à tribo.

A antropóloga Maria Rosário Carvalho da Anai destaca a importância imediata da presença dos técnicos da Funai, além de outro representante da tribo Ava-Canoeiro, para que o indígena possa ser relocado ao seu habitat original. Essa família que ainda preserva a língua tupy e mantém acasas as práticas da cultura tribal, representa, segundo os antropólogos, uma resistência singular frente ao desenvolvimento urbano e ao próprio fortalecimento dos latifúndios rurais, nesse último século. Os Ava-Canoeiro foram literalmente dizimados e hoje existe apenas uma pequena família composta de doze pessoas, instalada formalmente pela Funai em Minaçu, no Alto do Tocantins, em Minas Gerais.

"Existem muitos grupos de índios arredios, isolados do contato nacional, pois a Funai não possui uma política para possibilitar essa mediação. Os índios arredios ficam entregues à própria sorte e a violência de posseiros e fazendeiros" analisa José Augusto Sampaio, antropólogo e presidente da Anai-Ba. Os antropólogos

salientam que existem outros índios interessados em manter contato com a civilização. Eles pedem socorro e necessitam de um espaço para viver, longe das agruras fomentadas pelo homem branco, em especial os proprietários de terras.

APARIÇÃO DO ÍNDIO

O primeiro sinal do Ava-Canoeiro é bem característico da história da sua própria tribo, explica o presidente da Anai. Ao mesmo tempo em que o contato é temido, os Ava costumam acampar nas proximidades dos roçados, pastos de gado e da criação doméstica das populações regionais. A subsistência mantida através do abate de animais é motivo de queixas e reações violentas, registradas em alguns municípios de Goiás e Minas Gerais.

Ele ensaia a primeira aparição, e por sorte se depara com uma família hospitaleira, constituída pelo parceiro e agricultor Luiz Rego, mulher e dois filhos. "O contato do índio tem sido muito bom com os moradores da localidade de Santa Luzia", observa a antropóloga Maria Rosário Carvalho, que considera o acerto como reflexo de uma região onde não há conflitos de terra acirrados, e por este motivo o indígena não foi humilhado e espoliado.

Ava, como ficou sendo chamado o novo hóspede, é de natureza tranquila e serena. O diálogo ininteligível entre o dialeto tupy, do remanescente da terra brasileira e dos aporuguesados, não se tornou um obstáculo, pois tudo acabou sendo decodificado através de gestos. Juntos, o agricultor e o índio costumam pescar, utilizando o arco e a flecha. Ava é muito prestimoso e corta lenha para a dona da casa. "Ele é muito tranquilo e amigável", salienta Pedro Agostinho.

TRIBOS ORIGINAIS

Os indícios da origem de Ava, esclarecem os especialistas, foi possibilitado através da identificação da carga que trazia quando chegou ao povoado: 17 flechas, 1 machado, dois facões, 1 faca, além de seis vidros com água e dois caldeirões de alumi-



Reprodução: Romildo S. de Jesus

O índio só fala o Tupi e mesmo longe da tribo mantém o hábito de pescar e caçar com arco e flecha

nio. Ele é um típico Ava-canoeiro, da estatura baixa, cavanhaque ralo, barrigudo e de pernas finas. "Existem outros Ava-Canoeiro isolados de Minaçu, nas localidades do Canoaná (Parque Indígena do Araguaia) e do vale do Rio Uruçua, cuja dispersão foi determinada pelo contato com a civilização", reitera Pedro Agostinho.

O indígena, apesar de amigável, é

bastante desconfiado. "Quando entramos em contato com ele, e caminhávamos em grupo, ele nunca ia na nossa frente, mas ficava na retaguarda", observa Pedro Agostinho. A equipe de antropólogos relata um episódio bem característico e provável de experiências ameaçadoras vivenciadas pelos Ava-Canoeiros junto aos homens civilizados. Alguém lhe oferece uma fruta, enquanto está co-

mendo outra, porém, ele só aceita dividir o mesmo alimento, temendo a presença de veneno.

Os representantes da Anai-Ba acreditam que assim como Ava, existem muitos outros indígenas arredios e outros grupos isolados que anseiam pelo contato com a civilização para que possam ser reintegrados a seu espaço. "Falta à Funai desempenhar uma política para contactar com es-

ses grupos ameaçados de extinção", adverte a antropóloga Maria Rosário Carvalho, sobre a importância de avaliar maneiras de estimulá-los ao diálogo e retornar ao contato com as tribos originais. O presidente da Anai garante que existem outros grupos dispersos, oriundos dos índios Javaé (Amazonas, norte do Pará e noroeste de Minas), Yanomami e Caiapós (Roraima).